

A INCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS AUTISTAS: UMA POSSIBILIDADE

Renata Cabral Tavares

Durante dois anos eu trabalhei em uma escola particular em uma região nobre de Brasília. A escola recebe crianças do Berçário até o quinto ano do ensino fundamental I. É uma escola muito bem equipada, tem três diretoras, seis coordenadoras, duas psicopedagogas, duas psicólogas, uma nutricionista, duas enfermeiras, uma professora e uma auxiliar por sala e caso tenha alguma criança com diagnóstico entre os alunos, tem uma auxiliar para dar atenção exclusiva para esse aluno.

A estrutura da escola é espetacular. Tem horta, cozinha experimental, parquinho de areia, duas piscinas, refeitório, quadra coberta, campo de futebol, câmeras, cantina (onde tudo o que se vende é saudável), segurança, amarelinhas, biblioteca, vestiário, sala sensorial, sala do dever de casa, sala de jogos, sala do soninho, sala da pintura (acredite, as crianças podem pintar nas paredes e desenhar de giz no chão), depósito de material onde se tem à disposição dos professores tudo o que precisarem (e o que não tiver, pode ser encomendado) e um ambiente todo colorido.

A grade extracurricular começa no berçário, onde as crianças já podem fazer inclusive natação com seus pais. A escola disponibiliza aulas de balé, judô, capoeira, circo, futsal, jazz, educação emocional, robótica, esgrima, tênis, teclado, canto, violão, além de possuir um projeto bilíngue por meio do qual as crianças já saem com certificado internacional. Para essas crianças que ficam na escola o dia todo, o almoço é muito bem balanceado pela nutricionista (eles são pesados todo mês e caso entejam a cima do peso, a escola manda um recado para os pais), eles não podem beber suco ou refrigerante e a sobremesa é sempre fruta. Toda quinta-feira é dia da fruta no lanche, toda sexta é dia do brinquedo.

Trabalhar nessa escola foi uma experiência incrível. Difícil dizer o quanto aprendi e o suporte que tive. Falar sobre esse tema é particularmente especial para mim, porque foi trabalhando nessa escola que decidi o rumo que gostaria de seguir na minha carreira. É um espaço que deveria ser um lugar mágico para as crianças, mas acabou se tornando mágico para mim. A experiência que eu tive foi muito positiva e muito diferente das experiências dos autores de muitos textos que lemos na disciplina. A minha proposta é fazer um texto podendo comparar a minha experiência com a desses autores. A minha questão a ser discutida aqui é “A inclusão social de crianças autistas é realmente possível quando o ambiente para isso se torna favorável?”

Eu acompanhei um menino que na época tinha sete anos, ele estava entrando no primeiro ano e foi diagnosticado aos três anos com Transtorno do Espectro Autista. Em sua dissertação Moura (2013) nos conta que o termo autismo significa “por si mesmo”, e é usado na psiquiatria para designar comportamentos humanos que estão voltados a si mesmos, ao próprio indivíduo. O DSM – V fala em prejuízo severo e invasivo em diferentes áreas do desenvolvimento, como: habilidades de interação social, habilidades de comunicação ou presença de comportamentos, interesses e atividades estereotipadas. Marques (2015) nos faz refletir sobre o significado dessa palavra por outro ângulo, um que não vê o autismo como uma doença, como uma limitação orgânica ou deficiência, ela fala sobre a visão de Vigotski, na qual não é a diferença que impõem a deficiência, mas as consequências sociais que advém de tê-la, dessa forma, ele propõe a existência de um desenvolvimento cultural particular da pessoa com deficiência. Esse último parece ser mais justo, pensando em um mundo que não é adaptado para todos, em um mundo onde o foco é na normatividade.

A escola me preparou como pôde para a sua chegada. Tivemos uma reunião no início do ano com as psicopedagogas, uma coordenadora, a professora e a mãe dessa criança. Conversamos sobre seus gostos, suas habilidades, seus medos, suas metas para o final do ano. Textos sobre o assunto me foram passados. A psicóloga que o atendia em casa foi à escola para me falar como eu poderia trabalhar. Fizemos reuniões pensando em atividades adaptadas para ele. Uma das psicopedagogas entrou comigo na sala de aula que futuramente seria a de J. e fizemos uma roda para conversar com as crianças. O tema foi sobre a diversidade, a importância de cada um ser diferente, ter suas próprias características e poder ser respeitado por ser você mesmo. Foi uma conversa linda, e lembro como as crianças estavam superatentas e empolgadas. Assistimos um filme sobre a inclusão de uma menina de cadeira de rodas na escola e sobre os coleguinhas, que se dividiram em dois grupos, os que a acolheram e os que ficaram longe por ela ser diferente, e, ao final, a psicopedagoga perguntou “Em qual desses grupos vocês querem entrar?”

A minha experiência foi nitidamente diferente da de Kelly (2012), na qual as crianças com diagnóstico ficavam separadas, os espaços físicos eram bem delimitados e seus maiores contatos vinham de uma relação superficial com suas professoras, que, por sua vez, a cada dia mais enxergavam e defeito e não as crianças propriamente ditas. Nesse contexto, o diagnóstico vinha com um rótulo de impossibilidade de aprendizagem. Marques (2015) cita Vigotski, que considera que as funções psíquicas superiores têm origem social, sendo desenvolvidas nos contatos com os outros. Sem contato, o desenvolvimento da fala não se torna possível, sem fala,

não é possível o desenvolvimento do pensamento verbal, e cada vez mais será possível notar atrasos e prejuízos no desenvolvimento das crianças diante das expectativas sociais.

Primeiro dia de J. na escola. Tive liberdade para deixá-lo bem à vontade. Ele poderia entrar em qualquer sala, correr para cima e para baixo, olhar tudo o que tinha para olhar, porque o objetivo no primeiro dia era deixá-lo se ambientar, deixar se acostumar com o barulho, principalmente, a fim de que aquele não se tornasse um ambiente aversivo para ele. Foi conversado com as crianças sobre a importância de não irem todos falar com ele de uma vez, pois ele poderia se assustar.

As crianças estranharam um pouco a presença de J. e vinham me perguntar porque ele andava na ponta do pé, porque gritava no meio da aula, porque mordida a própria mão, porque fazia vários movimentos repetidos. Eu fui tratando com naturalidade, expliquei que às vezes o barulho o incomodava um pouco e, por isso, ficava agitado, afinal, algumas pessoas preferem ambientes mais tranquilos. Com o passar dos dias, as crianças deixaram de estranhar e queriam interagir com ele. Pediam para sentar ao lado dele e quando percebiam que ele estava começando a ficar agitado, elas mesmo falavam “gente, vamos falar mais baixo, o J. não está gostando do barulho”. Perceberam que J. gostava de pular, e começaram a pular perto dele, e J. caía na gargalhada. Perceberam que quando as professoras apagavam as luzes da sala, ele chorava, e então sempre que um novo professor entrava, eles falavam “Não apaga a luz, o J. tem medo de escuro”, e então algumas crianças começaram a falar “Nossa eu também tenho medo de escuro”, “Eu durmo com a luz acesa”.

A entrada de João na escola foi tratada com naturalidade. Não usávamos explicações desconexas como “ele não gosta de barulho porque é autista”. Todos os autistas se irritam com barulho? Não. Conheço pessoas diagnosticadas com autismo que usam a música para se tranquilizar, conheço inclusive uma banda de rock formada apenas por integrantes que possuem diagnóstico de autismo. A questão aqui é que as crianças entenderam a importância de adequar a sala de aula de uma forma que fosse bom para todos, respeitando as necessidades de cada um.

REFERÊNCIAS

MARQUES, C. P. **Reflexões de Uma Aprendiz de Antropólogo em Marte** (Monografia em Psicologia). Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2015.

MOURA, C. H. **Estudo Sobre a Relação da Pessoa com Síndrome de Asperger e Seu Ambiente Social de Desenvolvimento** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013.

KELLY, B. O. A Mágica da Exclusão: Sujeitos Invisíveis em Salas Especiais. Dissertação
(Mestrado em Educação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2012.